



Título: Adoniran de radioator a cronista da cidade de São Paulo

Álvaro Bufarah Junior

Mestre em Comunicação e Mercado – Fundação Cásper Libero – SP, professor na FAAP –
Fundação Armando Álvares Penteado e Centro Universitário Nove Julho.

GT 5: História da Mídia Sonora (Rádio, Disco, Música)

Coordenação: Ana Baum (UFF)

Resumo: O nome de Adoniran Barbosa é facilmente associado às músicas que compôs registrando o processo dos resultados sócio-econômicos do crescimento industrial da capital paulista. Mas poucos sabem que a leitura crítica dele foi forjada no rádio dos anos 30 e 40 no século passado. Embora a música sempre tenha estado em seu cotidiano, foi nos programas radiofônicos que João Rubinato se transformou em Adoniran Barbosa e despontou para uma carreira brilhante que o conduziu ao cinema e também a recém chegada televisão. O objetivo deste texto é fazer um recorte sobre a vida e obra do compositor buscando dar visibilidade a sua passagem pelas emissoras de rádio paulistas.

Palavras-chave: rádio, história, crônicas

1) Adoniran em Família

Fernando Rubinato e Emma Riccini nasceram e se casaram em Cavàrzere, uma pequena cidade de 15 mil habitantes próxima a Pádua, na Itália. Vários parentes de Fernando já tinham partido para o Brasil em busca de trabalho e riqueza (MOURA e NIGRI, 2003:17). Embora a situação fosse dura, pois só restava polenta como alimento e nenhum emprego aos jovens, Emma relatou muito em subir no vapor grávida de sete meses de Antonia Helena, que nasceria em 1896 já em terra brasileira (MOURA e NIGRI, 2003:18).

Depois de uma breve estadia em Tietê no interior de São Paulo, a família Rubinato se mudou para Valinhos, então distrito de Campinas. A cidade conta com menos de mil habitantes dos quais 90% eram italianos. Ao contrário dos demais imigrantes que trabalhavam na lavoura das fazendas da região, Fernando procurou emprego em fábricas, mas foi na olaria da família Spadaccia, que conseguiu um emprego depois de trabalhar muito.

A família Rubinato cresceu em terra brasileira. Após o nascimento de Helena, vieram pela ordem Alice, Ângelo, Francisco, Ainez e por último, João, que nasceu em 6 de agosto de 1910 pelas mãos da parteira da cidade, dona Antoniasse (MOURA e NIGRI, 2003:20).

Na casa dos Rubinato a preferência era pelas tarantelas e outras músicas de origem italianas para acompanhar a polenta de dona Emma. Tudo regado ao vinho da região. Embora a família não tivesse nenhuma veia artística, caberia a João a tarefa de se tornar um dos maiores compositores paulistas, consagrado como Adoniran Barbosa. (MOURA e NIGRI, 2003:24).

Como ele mesmo reconheceria em uma entrevista mais tarde, não havia jardim de infância, então restava aos garotos andar descalços nas ruas de terra, jogar bola de meia no terreiro da fábrica de telhas e tijolos onde o pai trabalhava e mergulhar nas águas do ribeirão dos Pinheiros.

Com pouca possibilidade de dar maior apoio financeiro à família, Fernando levou a esposa e os filhos para Jundiaí onde se empregou na São Paulo Railway, que depois se tornaria a ferrovia Santos-Jundiaí.

João nunca gostou de estudar, tanto que matava aula para nadar no rio da cidade. Embora a irmã mais velha e a mãe sempre tentassem estimular a sua vida acadêmica, o *bambino* caçula dos Rubinato nunca conseguiria terminar seus estudos.

Aos treze anos, ele tinha conseguido chegar à terceira série do ensino primário, mas relaxou de uma tal forma que nem as provas fazia. Resultado: tomou uma surra da mãe e deixou de vez de ir à escola (CAMPOS Jr,2004:55). Por isto, Fernando decidiu colocar o filho logo “no batente”. Inicialmente, João levava a marmita para o pai e depois passou a ajudá-lo no transporte de toras de madeira para os vagões. Como recompensa, recebia algumas mariolas e alguns cigarros Yolanda. Na época era comum o pai dar cigarros aos filhos para torná-los “homens”. Para João, este foi um vício que o acompanhou até o fim dos seus dias (MOURA e NIGRI, 2003:31).

As condições de vida da família continuaram difíceis o que levou Fernando a se mudar novamente, desta vez, para Santo André, na capital paulista em 1924.

O jovem João fez de tudo na vida. Foi varredor de fiação na Fábrica de Tecidos Japy, de Jundiaí, almoxarife numa metalúrgica, e até entregador de marmita do Hotel Central. Com quatorze anos, já morando na Grande São Paulo, João Rubinato, se virava como podia, foi pintor de paredes, mecânico, encanador, tecelão, conferente de mercadorias em uma transportadora, mascate de meias e esmerilhador de ferro fundido (MOURA e NIGRI, 2003:32-36).

Como toda família italiana, havia uma preocupação com o caçula que nunca conseguia se fixar em algum emprego. Foi quando Ainez anunciou à família que Eurico, seu marido, havia conseguido um emprego para o jovem como vendedor tradicional da casa de tecidos da 25 de Março, Seabra & Cia.

Por pressão da família, João aceitou o trabalho, que consistia em visitar clientes nas ruas centrais da cidade, verificar os estoques e anotar os pedidos. Todos os vendedores não só checavam o que faltava como promoviam vendas extras de produtos recém chegados. A única exceção era o caçula da família Rubinato. Os patrões já se sentiam alegres quando ele voltava ao final do dia para a empresa, pois via de regra, desviava seu trajeto de vendas para visitar os estúdios das emissoras de rádio paulistas que despontavam na década de trinta. (CAMPOS Jr,2004:22-23)



A entrada de João no meio radiofônico será abordada mais à frente neste texto. Por enquanto, gostaria de relatar que foi em meio aos estúdios que ele conheceu Olga Krum, com quem se casou após alguns meses de namoro, para espanto da família Rubinato. O pai do rapaz, sabendo do perfil do filho, fez questão de perguntar à jovem namorada “se ela sabia o que estava fazendo”. Como a resposta, um tanto assustada, foi sim, o pai aceitou o matrimônio.

Para poupar algum dinheiro, o casal foi morar com Fanny Suzanna, mãe da jovem, em uma casa no bairro do Bixiga em 1937. Um ano depois, João conseguiu um novo emprego e aumentou seu salário, o que possibilitou a mudança para uma casinha simples no Tatuapé, local onde em setembro do mesmo ano, nasceu Maria Helena Rubinato, a única filha de João.

O casamento já não andava muito, pois o jovem Rubinato continuava sua vida boêmia como de solteiro. Para complicar, Olga passou a compensar a ausência do marido nos braços de outro homem.

A situação se complicou em 1938, quando um dia pela manhã, tocou o telefone cedo na casa de Ainez, irmã de João e esposa de Eurico, o mesmo que anos antes tinha arrumado um emprego para o rapaz na loja dos Seabra. Do outro lado da linha estava uma vizinha do jovem casal avisando que a pequena Maria Helena tinha chorado à noite inteira sem que ninguém estivesse em casa para acudir-la, pois ambos, pai e mãe, não estavam em casa.

A tia, assustada com a situação, mandou os sobrinhos buscarem a menina imediatamente. Assim que conseguiu achar os pais da criança, Ainez fez questão de “passar um pito” nos dois. Bastante sem graça, João acabou autorizando que a irmã ficasse com a guarda da filha, que nunca mais voltaria a viver com os pais. João Rubinato continuou sua vida boêmia vendo a filha uma vez por ano, em média. Mas o relacionamento entre eles seria sempre distante.

A vida afetiva de João só foi se organizar melhor em meados dos anos 40 nos corredores de outra emissora de rádio quando conheceu Matilde De Lutiis, também separada e com quem viveria o resto de sua vida tendo nela um porto seguro (CAMPOS Jr,2004:92-139).

2) Ingresso no Rádio

João Rubinato andava pelo centro da cidade de São Paulo a pretexto de vender tecidos nas lojas, mas na prática, freqüentava mais os estúdios das emissoras paulistas. Além disto, esperto como sempre, ficava nos bares e botecos onde os artistas e funcionários das rádios iam. Neles, conheceu figuras já consagradas no meio como o locutor Nicolau Tuma, o cantor Raul Torres e o maestro José Nicolini. Em pleno horário de expediente lá estava ele tentando uma vaga para “ser artista”.

De tanto tentar, conseguiu um convite para se apresentar no programa de Calouros do Rádio, na Rádio Cruzeiro do Sul. Cantar na PRB-6 era privilégio para poucos, pois o diretor Alberto Byington, Júnior, primava pela qualidade.

Mas o fator mais intimidador para o jovem era passar pelo diretor artístico do programa de calouros, Roque Ricciardi, conhecido como Paraguassu. Era considerado um tótem no rádio paulista, pois foi um dos primeiros a ser contratado pela Sociedade Educadora Paulista, em 1923, chegando a receber mais de trezentas cartas por semana.

Para enfrentar a contenta, o jovem Rubinato escolheu o samba “O que será de Mim”, de Ismael Silva, Nilton Bastos e Francisco Alves. Enfim, chegara a hora, com terno novo e gomalina no cabelo, João subiu ao palco da emissora com a apresentação de Jorge Amaral. Mas não teve tempo de balbuciar os primeiros versos da música, quando se ouviu o sonoro e implacável gongo. Não houve tempo nem para pensar em o que fazer. Logo depois da “gongada”, um funcionário da emissora o pegou pelo braço e o levou para fora do palco. Era a vez do outro candidato. A ele só restou afogar as mágoas no boteco ao lado da estação de rádio.

Não satisfeito com sua estréia, João voltou à rádio alguns dias depois e foi falar diretamente com Paraguassu. De tanto apelar ao diretor artístico da emissora, João conseguiu uma nova chance. Desta vez escolheu o samba “Filosofia” de Noel Rosa e André Filho. Mais uma vez Jorge Amaral o anunciou, ele respirou fundo e foi... Começou cantando e pelo meio da música já se sentia aliviado por não ter ouvido o gongo. Terminou a apresentação e foi aplaudido pelo público presente no estúdio. O melhor que ele conseguiu foi um contrato para cantar uma vez por semana na Radio Cruzeiro do Sul com



um cachê de 15 mil reais. No mesmo dia, o jovem foi até a casa dos pais avisar que sairia do emprego na loja da 25 de Março e que agora era artista. O pai, Fernando, fez questão de afirmar que aquilo não era profissão que prezava. Mas mesmo com todos os apelos familiares, João foi seguir sua carreira.

Em 1934, Jorge Amaral foi contratado pela recém inaugurada Rádio São Paulo. João Rubinato não perdeu tempo em pedir ao amigo uma chance na emissora. Para atendê-lo, o jovem Amaral concordou e levou João para o teste feito por ele mesmo. Jorge ouviu várias interpretações de Rubinato e ao final da empreitada chamou o rapaz de lado, o olhou nos olhos e sentenciou: “sua voz é boa para acompanhar defunto” e indicou o caminho da rua.

João ficou chateado e logo encontrou um culpado para a ocasião: seu nome. Foi então que inventou o pseudônimo de Adoniran Barbosa. O primeiro nome era de um amigo de boteco que trabalhava nos correios, Adoniran Alves. O segundo era o nome de um cantor carioca de samba de breque chamado de Luiz Barbosa. Estava criado o nome que eternizaria João Rubinato no rádio paulista, na música e no cinema.

A insistência lhe rendeu inicialmente pequenos bicos nas emissoras paulistas, não como cantor, mas como radioator. Embora sua história como compositor e cantor sempre estivesse presente. Entre os anos 30 e 40 Adoniran, ascendeu profissionalmente como comediante. Sua carreira como poeta e intérprete só ganharia mais de sua atenção nos anos 50 com uma forte influência de Osvaldo Moles.

3) O amigo e mentor Osvaldo Moles e a crítica social

Osvaldo Moles nasceu em Santos em 1913 e em 1929, com menos de oito meses de trabalho como auxiliar de escritório de “A Eclética” (empresa que negociava publicidade em assinatura de jornais e revistas), conseguiu uma vaga no “Diário Nacional”.

A equipe, liderada por Sérgio Milliet, deu voz à oposição do Partido Republicano Paulista, que na época era o braço armado das oligarquias cafeeiras. Este processo vai ter seu ponto alto no apoio à Revolução Constitucionalista de 1932, e por consequência, o fechamento do periódico com a derrota dos paulistas.

A redação era composta por personalidades como Antonio Carlos Couto de Barros, Amadeu Amaral, e Mário de Andrade. Lasar Segall e Manuel Bandeira escreviam esporadicamente, mas também pertenciam ao “time” no qual Moles era o mais jovem. Depois do fechamento do jornal, ele passou pelas redações do São Paulo Jornal, do Correio Paulistano indo em seguida para o Estado da Bahia, em Salvador.

Neste período, recebe uma proposta de Assis Chateaubriand, que o fez mudar de veículo, fechando um novo contrato para participar da criação da Rádio Tupi de São Paulo. Mas já no início da década de 1940, Moles decidiu aceitar o convite do amigo Octávio Gabus Mendes e foi para a Rádio Record com um bom salário pago por Paulo Machado de Carvalho.

Moles passou então a trabalhar com o próprio Gabus Mendes na produção e redação do programa “A semana em Revista”. Logo Octávio deixaria o programa inteiramente nas mãos do pupilo, mas antes lhe apresentaria dois radioatores: Mariamélia e Adoniran Barbosa.

Em pouco tempo Osvaldo começou a inundar a programação da emissora com novos programas, entre eles Casa da Sogra, um humorístico que abriu o estúdio da Record na hora do almoço. Como Adoniran era um integrante quase fixo dos programas, Moles percebeu um bom potencial no jovem e para ele criou o seu primeiro personagem: Zé Cunversa. Pretinho nascido na Barra Funda, malandro como o gato, “já nascido com o bigode”. Na maioria das vezes, o personagem aparecia fazendo monólogos onde contava suas aventuras enquanto tentava namorar as domésticas e lavadeiras da cidade.

Através das personagens criadas para Adoniran, Moles exercitava sua verve crítica sobre uma São Paulo que crescia rapidamente ao toque das indústrias. Mas o grande foco dos textos de Osvaldo era caracterizar a vida da população pobre retratando com humor e sarcasmo os dramas pessoais vividos pelo ela (CAMPOS Jr,2004:115-118).

Neste período, o rádio já se fazia ouvir nas camadas mais baixas economicamente da população, por isto, a dupla Adoniran e Moles passou a fazer grande sucesso gerando uma ótima audiência. Só para se ter uma idéia, em 1946, os ouvintes de São Paulo podiam sintonizar dezesseis programas diferentes e encontrar em cada um deles um personagem interpretado por Adoniran (MOURA e NIGRI, 2003:81).

Osvaldo foi o grande influenciador de Adoniran nas escolhas críticas de seus temas para as músicas que o eternizariam como um dos poucos poetas a escrever com a cara de São Paulo. Foi graças à influência de Moles que o cantor e poeta conseguiu encontrar seu estilo. Deixando de tentar imitar Noel Rosa, Adoniran passou a captar as melodias, frases, e situações das ruas e das malocas paulistanas (MUGNAINI JR, 2002:71).

A parceria deles seguia uma linha de humor já marcada historicamente do ponto de vista da linguagem por outros jovens brilhantes como: Juó Barnanére, Oduvaldo Viana, Arlindo Leal e Cornélio Pires. (SALIBA,2002:160).

Os humoristas paulistas desenvolveram uma linguagem particular que SALIBA denomina como “humor macarrônico”, ou seja, aquele que mistura dois universos lingüísticos não só originários da escrita, mas, sobretudo da linguagem oral. Com isto, imitam a deformação lingüística do falante não letrado, brasileiro ou italiano que “deturpa as palavras” porque não tinha a memória escrita. (SALIBA,2002:170)

Este humor característico do cenário cultural paulista vai se desenvolver por um período à margem dos circuitos cultos, mas sim, nas formas mais próximas do dia-a-dia da população, como no jornalismo, na publicidade, no teatro musicado e na música. Com a chegada da indústria fonográfica, a implantação do rádio e o advento do cinema sonoro, o humor brasileiro, e por conseqüência o paulista, vai dar um salto invadindo estes novos espaços.

SALIBA afirma que se fizermos um “exame geral das primeiras produções veiculadas através das novas, mas ainda precárias tecnologias de difusão” veremos a presença marcante das criações humorísticas. Segundo o historiador, não será diferente com o rádio, se fizermos uma análise das primeiras transmissões encontraremos uma relação reiterada entre o veículo e o humor nas suas mais variadas formas (SALIBA,2002:219).

Entre os programas de maior sucesso criados por Moles com a interpretação de Adoniran está “História das Malocas”, onde o dia-a-dia dos cortiços e malocas é retratado com um português mestiço cheio de erros de concordância e misturado a palavras vindas do italiano. Nele, Terezoca (Mariamélia) e Charutinho (Adoniran), moradores do morro do Piolho, subvertem valores, fazem críticas e discutem os assuntos como racismo e segregação econômica. Como neste diálogo:



- TEREZOCA: Pois é... Deus fez o mundo... Os anjo fizeram os passarinho... Os muleque fizeram as arapuca.
- CHARUTINHO: Os engenheiro fizeram as casa e as ponte.
- TEREZOCA: Depois viu os trabaiadô e fizeram as rua.
- CHARUTINHO: Vieram os chanfé e fizeram os lotação.
- TEREZOCA: Depois vieram os sabido e fizeram os barcão.
- CHARUTINHO: Depois vieram os vagabundo... E eles falaram, assim, Sabe o que nós faz? Nós não faz nada.
- TEREZOCA: A Terra aqui de baixo pertence aos que trabalham.
- CHARUTINHO: Sim, mais os vagabundo, sem teto, é o proprietário do céu.
Hum. Ô Veia, manja a lua no céu. Dá só uma manjada.
A lua parece um arremendo branco nas carças azul do céu.

(trecho transcrito do disco História das Malocas, São Paulo, Chantecler, s/d)

É importante notar que Moles constrói seus textos a partir de elementos contrastantes a tudo aquilo que fundamenta a legitimidade da moderna sociedade de consumo, onde os valores predominantes tornam a metrópole um palco para a encenação diária destas histórias (ROCHA, 2002:99).

Neste contexto a parceria de Moles e Adoniran vai produzir uma das mais célebres músicas da época. Baseada em uma história real, “Saudosa Maloca” utiliza a mesma linguagem quebrada que o autor narrava nos textos dos programas de rádio.

Segundo Celso Campos Junior, o relato de Adoniran registrado no fascículo 45 da História da Música Popular Brasileira, lançado pela Editora Abril em 1972, diz o seguinte:

Ah eu tinha um cachorrinho, o Peteleco. De noite saía para dar um passeio com ele pela rua Aurora. Onde é o Cine Áurea era o Hotel Albion, que acabou sendo demolido. O prédio ficou abandonado por uma porção de tempo. Uns e outros sem compromisso, que pra ganhar pra cachaça e pro sanduíche faziam uns biscates nas feiras, lavavam carros ou eram engraxates, de noite se escondiam lá dentro, pois não tinham onde dormir. Eu conhecia todos eles – o Mato Grosso, o Joça, o Corintiano. Eu visitava eles, junto com o Peteleco, naquela moradia. Agente batia papo, se entendia e se queria muito bem. No dia que começo a demolição do casarão cheguei lá e não vi mais nenhum dos meus amigos. Sumiram, fiquei triste e tive a idéia de fazer um samba pra eles (CAMPOS Jr,2004:230).

O próprio Adoniran contava que fez a letra e a música enquanto caminhava de sua casa para a Rádio Record, no centro velho da cidade. Quando chegou no estúdio, cantarolou a letra para um maestro amigo, que, em uma hora, lhe entregou a partitura. Embora não cite Moles, é facilmente percebida a crítica social e a sensibilidade emprestada pelo jornalista ao poeta que passa a narrar a história de seus amigos moradores de rua.

Mas a inquietude de Moles não se adaptou ao “progresso” e a chegada da televisão. Ele costumava teorizar, em tom de brincadeira, que o homem eram uma forma menos evoluída no planeta Terra. Por isto, cada vez mais distante de Deus. Ao morrer passaria a um grau mais elevado e reencarnaria em forma de bicho para ser purificado de algumas imperfeições. Este tom amargo de sua fala foi re-afirmado em 1968, quando seus programas de rádio não tinham mais o mesmo sucesso, sua vida amorosa colecionava desilusões e financeiramente estava atolado em dívida. A consequência foi o suicídio com um tiro na cabeça. Assim estava desfeita uma das duplas mais criativas do rádio brasileiro (MOURA e NIGRI, 2003:123).

4) Os personagens

Depois de Zé Cunversa, Moles passou a criar papéis especialmente focados na interpretação de Adoniran. Em 1940, o radioator mostrava todo o seu potencial no programa de auditório “Casa da Sogra”, onde Osvaldo era o produtor. A confiança era tanta que ele criou mais dois personagens para seu pupilo. O primeiro era Don Segundo Sobra, dublê de cantor de tango e teatrólogo do “Teatro Pisca-Pisca”. O segundo era a caricatura de uma motorista de táxi do Largo Paissandu, Giusepe Pernaфина que contracenava com seu colega de profissão Noé, interpretado por José Rubens. Para o cenário, nada mais simples que o ponto de táxi onde os dois conversavam à espera de passageiros.

Mas além de Osvaldo, outros redatores da Record passaram a criar personagens para Barbosa. Entre eles, Gilberto Martins, que foi buscar no Almanaque Tico-Tico, inspiração para elaborar Barbosinha Mal-Educado da Silva. O personagem era destaque no programa infantil Escola Risonha e Franca, que era escrito ora por Martins, ora por Octávio Gabus Mendes e ora por Moles.

Como os programas eram feitos ao vivo nos estúdios, Adoniran se caracterizava para cada um dos personagens. A exemplo disto, Gabus Mendes pintava de preto o rosto e os braços do ator para interpretar Charutinho ou Zé Cunversa. Para Barbosinha, o traje era um chapéu com abas viradas para cima, um enorme lenço feito gravata borboleta no pescoço e uma mexa de cabelo no meio da testa (CAMPOS Jr,2004:121-128).

A criatividade de Moles não tinha fim. Ele criou também personagens como Hans Chucurts, o alemão do programa Casa da Sogra, e os Três Seresteiros Malucos, onde um deles era Adoniran. Além deles, Osvaldo criou também os irmãos gêmeos por parte de pai, Richard Morris e Richard Morris, professores de inglês que vão dar aulas pelas ondas da Record. Outro personagem de grande repercussão foi o judeu Moisés Rabinovich. Com bigode e barbichinha, o negociante de imóveis, alfaiate e vendedor de tecidos sempre tinha uma fórmula para dividir os pagamentos em prestações recheadas de altos juros.

O dom da oratória foi dado ao eloqüente Sinésio Trombone, discursador prolixo da Vila Matilde, que aparecia também na “Casa da Sogra”. Estes são alguns dos personagens criados para Adoniran no rádio paulista, vários deles vão servir de inspiração para que o ator compusesse músicas narrando os costumes e as trocas diárias entre estes universos retratados pelos textos de Moles.

5) As curiosidades

A divisão do salário

Em 1941, Adoniran trabalhava fazendo bicos na Rádio Record de São Paulo e insistia com Ocatávio Gabus Mendes sobre a necessidade de ser registrado e ganhar um salário fixo da emissora. De tanto encher o ouvidos de Mendes, um dia o diretor virou-se para o jovem ator e disse que não havia verba, mas que Adoniran poderia solucionar o caso de forma simples. Bastava falar com o locutor, Barreto Machado, que ganhava um conto de réis por mês, e pedir ao colega que dividisse o seu pagamento com ele. Machado era funcionário público e ator nas horas vagas. Na primeira oportunidade que teve, Adoniran foi falar com o amigo. “Barreto, puxa vida. Trabalho aqui na discoteca, faço mais duas novelas de manhã, faço o programa a Casa da Sogra, trabalho nos programas noturnos e só ganho 20 mil-réis por domingo. Você podia fazer uma coisa...”

Após a proposta feita, Adoniran se surpreendeu com a facilidade com que o ator aceitou os seus argumentos. Ambos foram falar com o diretor comercial, Teófilo de Almeida Sá. Barreto Machado pediu ao chefe que pegasse 500 mil-réis de seu salário e o repassasse ao jovem faz tudo. Após este episódio Adoniran, passou a se referir ao ator como grande amigo e sempre fez questão de contar esta história destacando a generosidade de Barreto(CAMPOS Jr,2004:120).

Os Demônios da Garoa

No início da década de 1940, um grupo de jovens entre quatorze e quinze anos cantava nas festinhas do bairro da Mooca, liderados pelos irmãos Arnaldo e Cláudio Rosa e que contava com a participação do amigo Zico. O Grupo do Luar acabou dando certo e os jovens passaram a se apresentar em programas de calouros nas rádios paulistas. Foi nos corredores das emissoras que eles conheceram o grupo do Cambucí, Bandeirantes do Luar, que tinha o violonista Artur Barreto e o garoto Toninho.

Algum tempo depois, os grupos perderam o fôlego e alguns membros acabaram saindo de ambos os grupos. Foi então que Arnaldo chamou Artur e Antonio para fazerem parte do conjunto. Formaram então, o quinteto Grupo do Luar, com Arnaldo Rosa, no afoxé e vocais, Cláudio Rosa, no pandeiro, Artur Bernardo, no violão, Antonio Gomes Neto, (Toninho) no violão-tenor e Francisco Paulo Galo (Paulinho), no surdo. Com esta formação, o grupo se apresentou em 1943 no programa de J.Antônio D'Ávila na Rádio Bandeirantes. Os produtores gostaram tanto que o quinteto foi contratado pela emissora.

O apresentador Vicente Leporace gostava do grupo, mas o nome o desagradava. Por isto, o radialista lançou um concurso para que os ouvintes dessem sugestões para o novo nome. Enquanto batismo não saia o apresentador fazia referência ao grupo como “os endiabrados garotos do Grupo do Luar”. Aproveitando esta deixa, um ouvinte sugeriu: “por que não Demônios da Garoa?” fazendo alusão também à condição climática da cidade (CAMPOS Jr,2004:224-225). Foi assim que nasceu o nome e o grupo foi reconhecido pelo *Guinness Book of Records* como o grupo vocal-instrumental de música popular de mais longa carreira ininterrupta (de 1943 até hoje) em todo o mundo (MUGNAINI JR, 2002:72). Foi nos corredores da Rádio Record que o grupo conheceu Adoniran possibilitando uma parceria extremamente fértil.

Os Demônios da Garoa vão dar a voz e os arranjos necessários para tornar as composições de Adoniran as mais populares crônicas musicais da cidade que estava em transformação. Utilizando a linguagem quebrada com sotaque dos imigrantes e português sem concordância, os intérpretes deram às letras de Rubinato o canal para a comunicação fácil e a identificação com a população paulistana.

O Samba do “Arnesto”

Entre as composições mais conhecidas de Adoniran está a história de uma ida frustrada à casa de um tal de “Arnesto”, que morava no Brás e convidou a todos para um samba, mas na hora marcada não estava em sua residência. Enfim, esta é mais uma das histórias curiosas de João Rubinato. Na realidade, Ernesto Paulelli era vendedor das indústrias químicas Recorde S.A., onde tinha por rotina diária oferecer cera aos lojistas. Aos domingos, ele fazia um bico como violonista para a Rádio Sociedade Bandeirante. Após o trabalho na emissora, os músicos e atores se reuniam nos bares e restaurantes do centro da cidade, próximos as rádios.

Em uma destas noites, Ernesto estava em um boteco na Rua Conselheiro Crispiniano quando chegou Adoniran. Logo o compositor pediu ao violonista um cigarro. Como o músico disse que não fumava, o radioator pediu um cartão. Na época, era comum que os jovens solteiros carregassem cartões para impressionar as moças. Ao pegar o cartão de Ernesto, Adoniran retrucou “Arnesto”. O violonista reafirmou que se chamava Ernesto. Foi então que João Rubinato disse que não tinha nenhum cartão, mas que iria fazer uma música para o novo amigo.

Mais de dez anos se passaram e os amigos perderam o contato, pois Ernesto deixou a vida de músico para se dedicar à vida na indústria química e ao curso de direito. Foi quando um dia ouviu no rádio o “Samba do Arnesto”. O vendedor lembrou da promessa do amigo, mas como Adoniran não tinha sequer lhe telefonado, deixou a situação de lado. A situação só seria totalmente esclarecida em 1957 quando os dois se encontraram nos corredores da rádio de Paulo Machado de Carvalho. Adoniran passou por Ernesto e perguntou se ele tinha gostado do samba. Ambos trocaram um longo abraço e o compositor fez questão de informar ao amigo que desde então eram compadres, pois ele tinha batizado

uma de suas filhas. Assim nascia mais uma composição com a marca das histórias de Adoniran.

As passagens pelo cinema e pela recém chegada televisão

Adoniran, embora tivesse iniciado sua carreira no rádio com o objetivo de ser cantor, acabou se transformando em um grande ator. Tinha grande facilidade com improvisos, variações de vozes e sotaques. Naturalmente o sucesso o levou a duas carreiras adjacentes, uma no cinema outra na TV. É importante indicar que em “O Cangaceiro”, Lima Barreto, Adoniran recebeu elogios da crítica e o filme recebeu o prêmio Internacional de filme da Aventura do Festival de Cannes, em 29 de abril de 1953. Embora o foco deste texto seja a carreira do poeta no rádio, cabe uma rápida passagem pelos seus feitos nos dois veículos onde fez desde papéis marcantes até pequenas “pontas”.

Filmes:

Pif-Paf – 1945 – comédia carnavalesca – direção Luís de Barros e Ademar Gonzaga
Caídos do Céu – 1946 – comédia carnavalesca – direção Luís de Barros
A vida é uma gargalhada – comédia – direção Mário Santos
Nadando em dinheiro – comédia – direção Abílio Pereira de Almeida
O Cangaceiro – 1953 – drama – direção Lima Barreto
Candinho – 1954 – comédia – direção Abílio Pereira de Almeida
Os três cangaceiros – comédia – direção Victor Lima
A carrocinha – 1955 – comédia – direção Agostinho Marques Pereira
Esquina da Ilusão – 1954 – Direção Ruggero Jacobi
Os Três Garimpeiros – 1955 – drama rural – direção Gianni Pons
Mulher de Verdade – 1955 – drama – direção Aberto Cavalcanti
Carnaval em Lá Maior – 1955 – comédia musical – direção Ademar Gonzaga
A pensão da dona Estela – 1956 – comédia – direção Alfredo Palácios e Perene Fekete
A Estrada – 1956 – drama – direção Oswaldo Sampaio
Bruma Seca – 1961 – direção Mário Brasini.
A Super-Fêmea – 1973 – pornochanchada – direção Aníbal Massaini Neto
Elas São do Baralho – 1977 – pornochanchada – direção Silvio de Abreu
Eles não usam black-tie – 1981 - drama – direção Leon Hirszman. Importante salientar que a Música deste filme foi de Adoniran e Radamés Gnattali (outro grande nome do rádio).
Fonte: (MUGNAINI JR, 2002:237-240)

Telenovelas:

Os quatro homens justos – 1965 – TV Record – Direção Armando Couto
Ceará contra 007 - 1965 - TV Record (sátira do filme Moscou contra 007)
Quem Bate? – 1966 - TV Record (sátira do seriado Combate)



Mãos ao Ar –1966 - TV Record
Tilim – 1970 – TV Tupi – direção Wanda Kosmo
O príncipe e o Mendigo – 1972 - TV Tupi – direção Dionísio Azevedo
Mulheres de Areia - 1973/74 – TV Tupi – Direção Edison Braga
Os inocentes – TV Tupi – 1974 – direção Edison Braga
Ovelha Negra – 1975 - TV Tupi – direção Henrique Martins
Xeque-Mate – 1976 – TV Tupi – direção de David Grimberg
Fonte: (MUGNAINI JR, 2002:240-243)

6) O fim da história de Adoniran

Com a chegada da televisão, nos anos de 1950, o rádio teve de ser reorientado e com isto, parte de suas verbas publicitárias migrou para o novo veículo de comunicação. Também muitos de seus autores, diretores e atores foram levados para as emissoras de tv que passaram copiar modelos de programa radiofônicos, porém com o suporte das imagens. Evidentemente o rádio sentiu este golpe que se refletiu nos anos de 1960 e 1970 na redução dos programas e por consequência das equipes de produção, redação e técnica.

Para Adoniran não foi fácil ver seu espaço sendo reduzido dia após dia. A situação chegou a um tal ponto que virou pauta da sucursal do Jornal O Globo, em São Paulo, onde em 13 de outubro de 1971 uma matéria afirmava que ele ia a Rádio Record, onde ainda era contratado, batia o ponto e recebia apenas um “alô” dos amigos que entravam para trabalhar. A emissora agora estava sob o comando de Paulinho de Carvalho, filho do Dr. Paulo Machado, e não tinha mais espaço para a “velha guarda” (CAMPOS Jr,2004:454).

Até os anos 80 Adoniran fez vários papéis em novelas e em filmes (como registramos anteriormente), mas para o profissional que teve seu dia-a-dia vinculado diretamente ao rádio estava literalmente parado. Uma ou outra entrevista quebrava o silêncio no veículo que lhe rendeu fama, mas não fortuna. Acostumado a gastar com os amigos ele nunca conseguiu ter uma vida econômica estável. O máximo que conseguiu foi uma casa no bairro de Cidade Ademar, na zona sul da capital paulista.

Em meados de 1982 as crises de bronquite crônica se agravaram e em uma bateria de exames os médicos constatam que o compositor tinha câncer no fígado e no baço. A informação foi omitida de Adoniran e da imprensa pela família. Em 4 de outubro daquele ano ele foi internado com um quadro de crise respiratória e desidratação e em 23 de novembro entrou em coma falecendo as 17Hs15 do mesmo dia. O médico Walter Fuentes,



do Hospital São Luiz, atestou como causa morte insuficiência respiratória e pneumonia. No velório somente os amigos, nenhuma autoridade... (CAMPOS Jr,2004:544-547).

7) Conclusão

Adoniran em sua atuação como compositor retratou a cidade em crônicas que mostraram o processo de industrialização e as acomodações sociais sofridas pela cidade de São Paulo como um símbolo da formação de uma sociedade de massa no país (ROCHA,2002:21). Este senso crítico vem, em parte, da própria história de vida de sua família. De origem humilde, vivendo no interior e depois em um bairro operário da capital, João Rubinato assistiu a pobreza e as difíceis condições de vida das camadas mais baixas da sociedade paulistana diante da instalação do “progresso”. Mas esta sensibilidade só ganhou contornos retóricos críticos organizados nos textos do amigo e parceiro Osvaldo Moles. Na prática podemos afirmar que o rádio e suas possibilidades de linguagem é que forjaram no compositor a visão crítica através do radioator. Infelizmente a lembrança popular está fixada apenas em parte das obras de Adoniran e não no registro sarcástico e cáustico da condição humana dos mais humildes na sua época. Também, a passagem dele pelo cinema e pela televisão foram esquecidas, mesmo sendo elogiado pela crítica. É triste saber que o compositor que imortalizou cenas paulistanas cantadas em todo o país acabou seus dias relegado ao esquecimento pelo veículo ao qual emprestou sua voz, voltando as mesmas condições precárias de vida que registrou em seus sambas.

6) Bibliografia

- CAMPOS Jr., Celso de. Adoniran, uma biografia. São Paulo. Editora Globo,2004.
MOURA, Flávio e NIGRI, André. Adoniran, se o senhor não ta lembrado. São Paulo. Boitempo Editorial. 1º Reimpressão. 2003.
MUGNAINI Jr., Ayrton. Adoniran dá licença de contar. São Paulo. Editora 34. 1º Edição.2002.
ROCHA, Francisco. Adoniran Barbosa, o poeta da cidade. São Paulo. Ateliê Editorial.2002
SALIBA, Elias Thomé. Raízes do Riso. A representação Humorística na História brasileira: da Belle Époque aos primeiros Tempos do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.